

1 Introdução

Definir o tema para uma tese de doutorado é semelhante ao dilema de se defrontar com as opções do jogo com moedas: dois lados distintos, opostos e excludentes. Opta-se por tema exaustivamente estudado, buscando reinterpretá-lo criativamente ou, então se envereda por temática inédita com seus riscos, suas descobertas e suas recompensas. Isto exige então astúcia, perseverança e, até mesmo sorte, em sua realização.

Decidimos pela segunda possibilidade, não pela busca do inédito, mas pensando em dar alguma contribuição positiva ao estudo da arquitetura e do urbanismo, como a de analisar a fundação de uma historiografia da arquitetura no Brasil a partir da obra do arquiteto Paulo Ferreira Santos. Consideramos que a empreitada é tarefa nada fácil. Em primeiro lugar, porque não existem estudos anteriores que contemplem a análise exaustiva e profunda do seu pensamento; encontram-se apenas trabalhos gerais, a maior parte deles artigos biográficos escritos por familiares e amigos que conviveram com Paulo Santos.¹ Neste sentido advogamos que a escolha do tema de nosso trabalho tem como relevância o fato de ser pesquisa pioneira, reveladora de fatos significativos mas desconhecidos sobre o biografado.

Apesar de saber que as dificuldades são maiores para aqueles que preferem trabalhar com o inédito, as afirmativas do historiador Marc Bloch nos serviram de estímulo para superar os obstáculos que encontramos no desenvolvimento da presente pesquisa, ao lembrar que “não se recua diante de responsabilidade, [pois] [...] em matéria intelectual, horror da responsabilidade não é um sentimento muito recomendável” [sic].² Além disso, nos deparamos com outro desafio, sobre o qual Bloch atentou: o fato de o tema se reportar às experiências de um passado recente que, por estarem “muito próximas de nós para já passarem por uma análise exata”,³ dificulta a isenção que deveria nortear a análise histórica. Mesmo assim, decidimos seguir em nossa desafiante empreitada, procurando estimular a reflexão e o debate sobre a temática.

A primeira questão que naturalmente se coloca é: por que Paulo Santos? A idéia de trabalhar sobre sua obra, surgiu do interesse em desvendar as razões

¹ A esse respeito podem ser citados os trabalhos de: BARATA, 1988; SANTOS, S., 1993; TELLES, 1988B; VASCONCELOS, 1989. Além dos trabalhos, não publicados, que integram o acervo arquivístico da Biblioteca Paulo Santos no Paço Imperial: BURMEISTER, 1980, MELLO JÚNIOR, s.d. Pasta *Paulo Ferreira Santos - Dados Bibliográficos*, arquivo n. 1245/2.

² SCHWARCZ, 2002, p. 11.

³ BLOCH, 2002, p. 107.

que levariam o arquiteto, especializado na prática projetual e construtiva, a se dedicar, ao mesmo tempo, a estudos históricos da matéria e o modo pelo qual isto se processou. Tal idéia se consolidou quando, durante três anos, realizamos o levantamento e a organização do acervo arquivístico, por ele doado, em 1984, ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional⁴ - IPHAN, nos proporcionando o conhecimento da quase totalidade de sua produção intelectual e o privilégio de descobrir trabalhos ainda inéditos. À medida que avançamos no procedimento, surgiram outras preocupações do próprio Paulo Santos, que nos permitiriam preencher lacunas sobre sua produção cultural e seu conhecimento arquitetônico, como a reavaliação dos critérios de valoração dos bens patrimoniais, discutida a partir do processo de tombamento do conjunto arquitetônico da Avenida Rio Branco, em 1972.

O acervo pertencente à Biblioteca Paulo Santos, no Paço Imperial, é constituído por documentos de ordem pessoal e profissional do arquiteto, além de sua biblioteca particular. A análise destas fontes documentais primárias nos permitiu conhecer e aprofundar informações pessoais e profissionais desconhecidas do público e dos especialistas e, sobretudo, as pesquisas de história de arquitetura e urbanismo no Brasil – muitas das quais ainda inéditas – que, por serem fundamentais para a matéria, possuem valor inestimável.

A investigação nos levou também a reconhecer a relevância de sua atuação em órgãos consultivos – Conselho Consultivo do IPHAN e Conselho Superior de Planejamento Urbano –; em estabelecimentos acadêmicos – Escola Técnica do Exército, Escola Politécnica do Rio de Janeiro e Faculdade Nacional de Arquitetura; nas entidades de Classe – Instituto de Arquitetos do Brasil e Conselho Regional de Engenharia, Agronomia e Arquitetura; bem como nas instituições dedicadas ao estudo da história – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Comitê Nacional de História da Arte. Os processos debatidos nessas instituições foram relevantes, pois expuseram instigantes discussões conceituais.

Paulo Santos que iniciara em 1927 suas atividades profissionais na prática projetual construtiva, abraçaria em 1930 a docência, culminando com a implementação da cadeira de *Arquitetura no Brasil* na Faculdade Nacional de Arquitetura - FNA, o que lhe aguçou o interesse pelas pesquisas de história, como constataremos na análise de sua trajetória profissional, apresentada no

primeiro capítulo. Ainda que, devido à relação dialética das atividades empreendidas por ele, sua obra não possa ser fracionada, as construções a que o título faz alusão não se referem a projetos arquitetônicos, mas às pesquisas de história da arquitetura e do urbanismo.

Uma das hipóteses centrais que sustentaremos nesta pesquisa é considerar Paulo Santos como *construtor da história da arquitetura*, por admitir que os exemplares arquitetônicos, projetados e construídos na qualidade de engenheiro-arquiteto, contribuiriam para a formação de nossa identidade nacional e ao mesmo tempo, *historiador da arquitetura* pelos estudos de história realizados como pesquisador e professor da cadeira *Arquitetura no Brasil*, que propiciaram a fundação de uma historiografia da arquitetura e do urbanismo no Brasil.

O objetivo do presente trabalho é, então, demonstrar que nos textos de Paulo Santos estão implícitas duas intenções primordiais: estabelecer novo modo de escrever e de ensinar a história da arquitetura no Brasil e fundar uma historiografia brasileira da disciplina, vinculando o ensino da arquitetura ao seu projeto historiográfico. Estas pretensões direcionariam Paulo Santos a almejar escrever “uma sólida obra de história da arquitetura”, que consubstanciasse a formação de nossa identidade nacional, como explicou em 1977, ao dizer que sentia-se “frustrado diante do que verdadeiramente desejava ter feito: **uma obra sólida de História da arquitetura**, que alimento a talvez **tola ilusão** de que teria sido capaz de fazer” [...].⁵

Em sua “tola ilusão”, Paulo Santos alimentava o desejo de escrever a história da arquitetura por meio do procedimento, até então não utilizado, de analisar criticamente as produções arquitetônicas e urbanísticas realizadas no Brasil a partir de suas raízes históricas, comparando-as com as que se desenvolviam sincronicamente no âmbito internacional.

Apesar de nenhum estudo⁶ haver minuciosamente contemplado toda a obra de Paulo Santos, seus trabalhos publicados se constituem em referência para a maioria dos estudos realizados sobre a arquitetura e o urbanismo no

⁴ Cf. *Certidão. Escritura de Doação à Fundação Nacional Pró-Memória*. Estado do Rio de Janeiro. Poder Judiciário. Comarca da capital. 22^o Ofício de notas. Tabelaio. Edvard Carvalho Balbino. Rio de Janeiro: livro 2374, f., 80, ato nº 37, 12 de setembro de 1984, p. 5.

⁵ SANTOS, P., 1977f, p. 41-42, grifo nosso.

⁶ Não se conhece nenhum estudo específico realizado sobre a obra de Paulo Ferreira Santos. Há apenas os já citados artigos biográficos escritos por amigos e familiares e um capítulo do livro *Por uma História Não Moderna da Arquitetura Brasileira*, em que o autor Marcelo Puppi analisa, com base no livro *Quatro Séculos de Arquitetura*, a visão de Paulo Santos sobre o ecletismo arquitetônico relativamente a perspectivas de outros historiadores da arquitetura. (PUPPI, 1998).

Brasil, demonstrando a relevância de suas pesquisas neste campo, o que representou outro fator de estímulo à releitura interpretativa de sua obra.

A pesquisa em seu acervo pessoal, além de proporcionar o conhecimento da totalidade de sua obra, nos levou a perceber que as atividades plurais empreendidas por Paulo Santos estavam inter-relacionadas, visto que o conhecimento adquirido pela prática profissional balizara seus procedimentos didáticos; que a necessidade de fundamentar suas preleções estimulava suas pesquisas de história; e que estas, por sua vez, se refletiriam em suas concepções projetuais e construtivas. A compreensão de que a teoria se associa à praxis, alimentando-se alternadamente, diferenciava Paulo Santos daqueles que não percebiam esta associação. Embora diversificadas, ao reunir obras arquitetônicas, trabalhos acadêmicos e estudos históricos, suas atividades constituíam conjunto coeso. Articulado à esta trílice produção, encontrava-se o serviço de assessoria a instituições de caráter científico e cultural anteriormente destacadas.

O fio condutor do processo de formação de Paulo Santos como historiador da arquitetura foi a atividade docente na FNA pois, no desempenho da função de professor catedrático da cadeira *Arquitetura no Brasil*, consolidaria a articulação entre história e arquitetura, estabelecendo, assim, o traço singular de sua trajetória profissional, o que constitui questão fundamental demonstrada no presente trabalho.

Face ao volume de material encontrado em seu acervo pessoal e aos limites impostos pelo próprio caráter da tese, concentraremos a abordagem deste trabalho à análise de sua produção no âmbito da história, pelo papel representado para a fundação de uma historiografia da arquitetura no Brasil.

A periodização do trabalho segue eixo temporal compreendido entre 1946 e 1985, referente à produção dos estudos históricos realizados por Paulo Santos. O marco inicial se caracteriza pela implementação da cadeira *Arquitetura no Brasil* na FNA-UB e pela adoção dos cânones da arquitetura moderna e, o final, pela publicação de seus últimos trabalhos, embora este eixo retroceda à década de 1920, cuja finalidade única é demarcar e contextualizar o início da formação profissional de Paulo Santos.

Naquele momento, o Brasil se deparava com a introdução de novas influências européias no âmbito literário e artístico, que difundiam os preceitos da vanguarda radical dos futuristas em contraponto aos cânones tradicionais do *Velho Mundo*. O ponto alto destes procedimentos inovadores foi a realização da *Semana de Arte Moderna*, ocorrida na capital paulista, em 1922.

A formação profissional de Paulo Santos se desenvolveu num período de significativas modificações no cenário nacional, em decorrência principalmente da Primeira Guerra Mundial, cuja deflagração levou ao descrédito o modelo político-econômico europeu até então admirado pela elite brasileira, concorrendo para a dinamização do movimento nacionalista crescente no Brasil. O país percebia a necessidade de buscar uma identidade nacional para manter a sobrevivência e, sobretudo, insuflar seu desenvolvimento.

As restrições comerciais impostas pela guerra obrigaram o Brasil a diversificar sua economia, ainda quase exclusivamente agrícola, estimulando o desenvolvimento da industrialização brasileira, ao mesmo tempo em que crescia o descontentamento com o liberalismo impingido pelos ideais republicanos no Brasil.

Tais momentos de turbulência cultural marcaram deliberadamente o modo de Paulo Santos pensar o processo histórico, com repercussão, inclusive, na consolidação de sua concepção arquitetônica e urbanística. Em seus textos, percebe-se a visão singular “de aceitação ao mesmo tempo da Arquitetura Moderna e da Arquitetura Tradicional”.⁷ Esta visão própria ao ofício do historiador não contaminada por dogmatismos ou projetos ideológicos de qualquer tipo, que desde cedo demarcou seu perfil de escritor da história da arquitetura, é o que o distinguirá dos arquitetos de sua geração.

A isenção no julgamento das questões históricas percebida já no primeiro trabalho *A Arquitetura Religiosa em Ouro Preto*⁸, elaborado em 1949 como tese para o concurso à cátedra de *Arquitetura no Brasil da FNA*, seria destacada na comunicação *Interação de passado e presente no processo histórico da Arquitetura e do Urbanismo*, ao abordar as contribuições de cada época da história:

Os enfoques devem ser distintos para umas e outras contribuições, considerando-se que cada época histórica carrega sempre atrás de si o peso de uma tradição que porfia por persistir, em competição com as novas idéias que vão surgindo, das quais muitas desaparecerem sufocadas no nascedouro, seja pela competição com outras novas idéias mais pujantes ou capazes de maior comunicabilidade, seja no entrecchoque com as da tradição, que, até o último momento, quando já em agonia, são às vezes ainda capazes de um derradeiro e comovente esforço por sobreviver, impondo aqui e acolá as maneiras que lhes são próprias. Acontecendo até, que depois de mortas, reapareçam mais tarde outra vez inesperadamente. Assim também as que não tendo chegado a viver, mortas no nascedouro, alcançam mais tarde a sua vez, em ocasião propícia.

⁷ SANTOS, P., 1981i, p. 2. *Pasta Instituto Arquitetos Brasil IAB*, arquivo n. 1242/1.

⁸ A tese desenvolvida nos anos de 1948-1949 intitulava-se *Subsídios para o estudo da Arquitetura em Ouro Preto*. Foi editada pela Livraria Kosmos, em 1951, como: (SANTOS, P., 1951a).

Tudo isso constitui outro aspecto da interação de Passado e Presente, cuja apreciação exige do historiador, acima de tudo, isenção.⁹

Esse procedimento, inadmissível para alguns colegas do meio acadêmico – como Archimedes Memória – levou-os à interpretação equívoca de que sua atitude era contraditória. Identificado com a corrente tradicionalista, o arquiteto Memória, um dos responsáveis pelo escritório de arquitetura *Heitor de Melo** e velho amigo da família Ferreira Santos, sentiu-se contrariado, acreditando, pelas idéias que expusera nas sessões da Congregação, que Paulo Santos – a quem iniciara na carreira docente¹⁰ – passara a advogar em favor dos modernos.

Mostrando-se insatisfeito com o ambiente despótico e contrário à idéia de progresso da Faculdade, Paulo Santos acusara-a de ser “um círculo fechado que se mantém a margem dos verdadeiros valores que integram a moderna arquitetura no Brasil”,¹¹ ressaltando, ainda, que não se tratava meramente de abrir as portas ao estrangeiro, mas de encorajar “o ingresso desses novos valores”.¹²

Para acirrar os ânimos, Paulo Santos retornaria ao assunto na sessão da Congregação de 17 de março de 1954, destacando que desde 1931, quando da direção de Lucio Costa na ENBA, pouco ou nada havia sido feito a esse respeito:

Data de então verdadeira cisão espiritual na família dos arquitetos que por um quarto de século se conserva dividida em duas correntes, uma acadêmica (a da escola) outra dita modernista, aquela que removeu os moldes da nossa arquitetura e levou-a a impor-se no conceito universal. [...] Há desarmonias e desarmonias profundas porque não nas relações entre arquitetos e no trato social entre eles mas na concepção e orientação da própria arquitetura.[sic]¹³

O debate suscitado pela gestão dividiu os professores, presentes às referidas reuniões, em pólos opostos, demonstrando que a discussão polarizada se torna estéril, o que ratificava o ponto de vista de Paulo Santos de que a cisão entre os arquitetos causava profundos prejuízos à própria arquitetura. Esta questão será

⁹ SANTOS, P., 1975, p. 7. Pasta *Produção Intelectual 5*, arquivo n. 1242/2. Esta comunicação, publicada em 1986 com a expressão do título *de passado* alterada para *do passado*, foi apresentada no I Colóquio Nacional de História da Arte promovido pelo Comitê Brasileiro de História da Arte – CBHA, realizado no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, nos dias 29 e 30 de agosto de 1975. (SANTOS, P., 1986, p. 5).

¹⁰ Embora Paulo Santos fosse, desde 1934, livre-docente da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, seu ingresso, em 1946, na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil se deveu a Archimedes Memória. Cf. Cronologia no apêndice do presente trabalho.

¹¹ UNIVERSIDADE DO BRASIL, 1952a, f. 65.

¹² UNIVERSIDADE DO BRASIL, 1952a, f. 65.

¹³ UNIVERSIDADE DO BRASIL, 1954b, f. 35-37.

analisada no terceiro capítulo do presente trabalho, em que trataremos das tendências arquitetônicas.

A atitude não ortodoxa de Paulo Santos em relação à arquitetura e ao urbanismo foi decisiva para que se distinguisse de seus contemporâneos. Embora tenha se graduado engenheiro-arquiteto, em 1926, pela ENBA, sob os moldes tradicionais da Academia Francesa, em meados de 1940, ele adotaria, paulatinamente, em seus projetos arquitetônicos, os cânones da arquitetura moderna que se estabelecia no Brasil. O grande interesse cultural lhe permitiu ir muito além dos limites de sua formação acadêmica sem, no entanto, ter se filiado a nenhuma corrente específica, por acreditar que o cerceamento do profissional brasileiro de arquitetura seria prejudicial ao louvável desenvolvimento da arquitetura no país.

A doutrina da arquitetura moderna implementada pelo arquiteto franco-suíço Le Corbusier e os desdobramentos desta teorizados por Lucio Costa foram fundamentais para a consolidar a visão arquitetônica de Paulo Santos que, apesar de aderir aos preceitos *corbusianos*, respaldou no modelo da *Bauhaus* do arquiteto alemão Walter Gropius as bases pedagógicas de suas propostas para a reforma do ensino da arquitetura e do urbanismo no Brasil, comprovando, assim, sua aversão a partidarismos.

Le Corbusier representou o marco divisor para Paulo Santos compreender a arquitetura moderna, levando-o, inclusive, a dividir “a História de Arquitetura no Brasil, de certo ângulo de visada (das influências), em 2 fases: ①- anterior à influência de Le Corbusier ②- iniciada com a atuação do arquiteto na construção do edifício do Ministério de Educação, no RJ”,¹⁴ o que será estudado no terceiro capítulo. Lucio Costa tornou-se seu mais eloquente interlocutor, pois seus estudos dialogaram permanentemente com as idéias daquele mestre. A relevância desta interlocução para construir o pensamento arquitetônico de Paulo Santos nos impeliu a destinar o quinto capítulo, exclusivamente, à sua análise.

Apesar da profunda admiração que nutria por Lucio Costa, Paulo Santos não comungava integralmente com as teorias daquele que considerava seu mestre. Divergiam, por exemplo, sobre a relação entre o eclético e o moderno, o que geraria, como veremos, elevado grau de tensão no debate estabelecido entre os dois arquitetos.

¹⁴ SANTOS, P., 1987c, p. 1, grifos do original Uma vez que esta carta encontra-se manuscrita e incompleta, há possibilidade de ela não ter sido, de fato, enviada. Pasta *Correspondência*, arquivo n. 1242/1.

Lucio Costa acreditava que o ecletismo, incluindo-se o neocolonial, representava um *hiato* na história do desenvolvimento progressivo da arquitetura, ao passo que Paulo Santos, em posição diametralmente oposta, compreendia o ecletismo como período transitório de experimentações positivas, sobretudo, à compreensão do pensamento moderno. Não é casual que tenha destacado em seu livro *Quatro Séculos de Arquitetura* que “em que pese os aparentes antagonismos, o Movimento Neo-colonial e o Moderno tiveram pontos de contato a procura da substância brasileira, da cultura brasileira, da realidade brasileira” [sic].¹⁵

A polêmica em torno da questão se instalou a partir da discussão sobre o tombamento do conjunto arquitetônico da Avenida Rio Branco, analisada na seção do quinto capítulo. A divergência de idéias entre Paulo Santos e Lucio Costa se deveu, possivelmente, porque aquele, ciente de que a especificidade da formação em arquitetura não o provera da teoria e da metodologia historiográficas, foi buscar este conhecimento em autores nacionais e estrangeiros, o que permitiu estender sua atuação a outras áreas, como à de pesquisa histórica e à de preservação dos bens patrimoniais da nação.

Tais fatos o levaram a perceber a deficiência do ensino da história da arquitetura e do urbanismo no Brasil, no meio acadêmico. Sua percepção arguta das especificidades do processo cultural brasileiro e das características próprias da arquitetura nativista o estimulou a implementar, em 1946, a cadeira *Arquitetura no Brasil*¹⁶ na FNA, a convite do professor Archimedes Memoria que, em vista de seus méritos profissionais e acadêmicos e, sobretudo, por sua profunda erudição, o considerava altamente qualificado para a função. A implementação da cadeira *Arquitetura no Brasil* será analisada no terceiro capítulo deste trabalho.

Essa erudição foi também ressaltada em carta enviada ao candidato Paulo Santos, a 27 de agosto de 1951, pelo historiador e então Reitor da Universidade do Brasil Pedro Calmon Moniz de Bittencourt, após assistir à

¹⁵ SANTOS, P., 1977e, p. 105.

¹⁶ Embora se veicule correntemente a informação de que Paulo Ferreira Santos criou a cadeira *Arquitetura no Brasil* na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, é importante que se faça a distinção entre *criação* e *implementação*. Aquela foi realizada pelo arquiteto Archimedes Memoria e esta pelo professor Paulo Santos. A cadeira de *Arquitetura no Brasil* foi inserida no currículo da F.N.A. por sugestão do professor Memoria, constando do Decreto nº 21.964, de 18 de outubro de 1946, que discrimina cadeiras relativas a cargos criados pelo Decreto-Lei nº 9.617, de 21 de agosto de 1946. Cabe ressaltar que a indicação do nome do professor Paulo Santos para a cadeira foi oficialmente proposta pelo professor José Octacilio Saboya Ribeiro, na sessão da Congregação da F.N.A., de 11 de setembro de 1946, tendo sido aprovado por unanimidade. (UNIVERSIDADE DO BRASIL, 1946b, f. 53; SANTOS, P., 1970c. Pasta *Produção Cultural 20*, arquivo n. 1242/3; MEMORIA, 2002b, p. 23-24).

realização das provas do concurso à cátedra de *Arquitetura no Brasil*: “Reitero as impressões que me deixou o seu concurso: admirável conhecimento do assunto, erudição perfeita, técnica, equilíbrio crítico, autoridade, fino senso estético, esplendida memória.” [sic]¹⁷

Paulo Santos introduziria modificações no ensino de história da arquitetura, restrito até aquele momento aos grandes movimentos no âmbito internacional, valorizando, sobremaneira, o aprofundamento do conhecimento da arquitetura no Brasil, então superficialmente estudada. Estas modificações repercutiriam sobre o procedimento didático adotado na cadeira *Arquitetura no Brasil* que, de modo geral, articularia os métodos diacrônico e sincrônico de análise crítica da história da arquitetura, pois Paulo Santos entendia ser “vantajosa uma visão panorâmica, que situe as contribuições à nossa Arquitetura, no contexto de todo um complexo de contribuições abrangendo as de outros países. De mais a mais [...] o mundo é um só”.¹⁸

Essa preocupação o identificava, até certo ponto, com o Movimento Moderno no Brasil, que pleiteava, sobretudo, um país independente e apto a assumir sua verdadeira identidade cultural. Por esta razão, a implementação da cadeira *Arquitetura no Brasil* no currículo acadêmico estabeleceu novo lugar para o estudo deste campo disciplinar, constituindo expressiva iniciativa para a fundação de uma historiografia da arquitetura no Brasil.

Dado ao caráter múltiplo da metodologia adotada por Paulo Santos na referida Cadeira, destacamos cinco enfoques principais – valor de época, interação passado-presente, ênfase sociocultural, relação forma-técnica, e crítica documental –, que nos permitirão analisá-la com maior rigor no quarto capítulo.

O primeiro enfoque será analisado relativamente aos *estudos de iconologia* implementados pelo historiador de arte alemão Erwin Panofsky, que preconizava a reconstrução dos nexos entre a obra de arte e seus componentes culturais; o segundo se reportará ao *método regressivo* de análise crítica da história, empreendido pelo historiador francês Marc Bloch, que mostrava a relevância de se ler a história às avessas, já que se tem maior conhecimento dos fatos culturais recentes do que dos de períodos anteriores da história; o terceiro será estudado comparativamente à *história sociocultural* do antropólogo pernambucano Gilberto Freyre que, na década de 1930, revolucionou a historiografia brasileira e à *história total* formulada pelo historiador francês

¹⁷ CALMON, 1951, p. 1. Pasta *Correspondência* 5, arquivo n. 1239/3.

¹⁸ SANTOS, P., 1986, p. 5.

Fernand Braudel, no âmbito da Escola dos *Annales*¹⁹; o quarto se relacionará ao exercício da *prática arquitetônica* – projetual e construtiva – que Paulo Santos desempenhou à frente da empresa *Pires e Santos* e, por fim, o quinto enfoque será examinado referencialmente às obras do historiador cearense Capistrano de Abreu.

Outra preocupação de Paulo Santos, também associada à causa moderna, referia-se ao registro e à preservação do patrimônio cultural brasileiro. A exemplo do que ocorria na maioria dos países europeus, durante o Estado Novo no Brasil – 1937/45 –, o interesse em fomentar a idéia de identidade nacional, instigou a criação, em 1937, do Serviço do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional – SPHAN²⁰, a fim de resguardar a herança da tradição nacional para futuras gerações, objetivando a afirmação cultural da nação. Esta preocupação, que será discutida no terceiro e quinto capítulos, foi encetada no âmbito da FNA-UB por Paulo Santos conjuntamente com seu colega de Departamento, professor Wladimir Alves de Souza, mediante trabalhos práticos realizados pelos alunos da cadeira *Arquitetura no Brasil*.

O convívio com os profissionais do IPHAN possibilitou a Paulo Santos contato mais direto com as questões sobre preservação e restauração do patrimônio nacional e com a causa modernista, além do acesso às obras de intelectuais estrangeiros como a alemã Hannah Levy, o americano Robert Smith e o francês Germain Bazin. Além disso, a convivência com os confrades no IHGB ampliou-lhe os conhecimentos historiográficos. O contato com Pedro Calmon, de quem tornou-se amigo pessoal, com as obras de Varnhagen e de Capistrano de Abreu, no Instituto, foram essenciais para o aprimoramento de seu pensamento histórico e a fundamentação de suas pesquisas, sobretudo no tocante à análise crítica das fontes documentais.

No entrecruzamento das duas formações – a acadêmica, em arquitetura, e a empírica, em história – situa-se a singularidade da metodologia de Paulo

¹⁹ A Escola dos *Annales* foi assim chamada devido ao nome da revista criada em 1929 por Marc Bloch e Lucien Febvre*. A idéia central deste grupo de historiadores franceses era romper com a historiografia positivista até então dominante. Entre suas concepções fundamentais, podem ser destacadas: a) a passagem da “História-narração” para a “História-problema”, implicando o uso de hipóteses explícitas pelos historiadores; b) a crença no caráter científico da História; c) o contato e o debate permanentes com outras ciências, incluindo a importação de problemáticas; d) a insistência nos aspectos sociais e, de preferência, aos biográficos, individuais e “episódicos”: daí a ênfase na História demográfica, econômica e social. (CARDOSO, 1982, p. 37-38).

²⁰ O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN criado em 1937, teve ao longo de seu desenvolvimento diferentes denominações. Manteve-se SPHAN até 1946, Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - DPHAN de 1946 a 1970, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN de 1970 a 1979, Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN de 1979 a 1990, Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural - IBPC de

Santos na cadeira *Arquitetura no Brasil* e nos escritos sobre história da arquitetura e do urbanismo. O objetivo geral de nosso trabalho é demonstrar não somente a presença desta dupla formação, mas também o modo como ela repercutiu sobre sua obra.

O vocábulo *construções* para compor o título deste trabalho foi propositalmente selecionado, porque a maioria de seus significados – *criação, formação, edificação, produção, obra*²¹ – está relacionada às atividades plurais desenvolvidas por Paulo Santos, seja na *criação* dos projetos arquitetônicos, na *formação* de discentes, na *edificação* dos exemplares de arquitetura ou na *produção* de estudos de história que compõem a sua *obra*. Isto nos levou a pensar a estrutura deste trabalho analogamente à de uma edificação arquitetônica composta de fundação, corpo edilício e coroamento, e implantada sobre determinado terreno, ainda que a idéia não seja original pois, como expôs Peter Burke, Fernand Braudel, em 1967, na “introdução ao primeiro volume [de *Civilisation matérielle et capitalisme*], descreve a história econômica como um edifício de três andares”.²²

Metodologicamente, o presente trabalho divide-se em quatro capítulos, além da Introdução, considerada, tecnicamente, como o primeiro deles. Assim:

No segundo capítulo correspondente à *idéia* do edifício apresentaremos os dados biográficos de Paulo Santos, que delinearão seu caráter assim como sua trajetória profissional, consubstanciando as questões aqui tratadas.

No terceiro capítulo equivalente à *fundação* analisaremos a formação acadêmica de Paulo Santos e sua relação com as correntes arquitetônicas – tradicional e moderna – que se embatiam na busca pela identidade nacional, fomentando a realização de eventos relevantes para a cultura do país. Estudaremos também a metodologia da cadeira *Arquitetura no Brasil*, implementada em 1946 por Paulo Santos, quando da criação da FNA-UB, cuja história se confunde com a de Paulo Santos como historiador da arquitetura e do urbanismo. Considerando-se que o trabalho docente estimulou Paulo Santos à pesquisa histórica para subsidiar suas preleções, somente a partir desse capítulo é que nos foi possível utilizar com maior propriedade seus textos para analisar as questões suscitadas que, no caso específico, se referiam ao novo modo de ensinar a história da arquitetura e do urbanismo no Brasil.

1990 a 1994 e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN desde 1994 (PESSÔA, 1999b, p. 11).

²¹ HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2003, p. 165.

²² BURKE, 1997, p. 58.

No quarto capítulo coincidente ao *corpo edilício* desenvolveremos os enfoques metodológicos que propiciaram a estruturação do pensamento histórico de Paulo Santos. Partindo sempre de seus textos, demonstraremos que Paulo Santos articulava o romântico ao científico, apresentando, uma visão historicista da História.

Finalmente, no quinto capítulo equiparado ao coroamento da edificação acompanharemos o processo de interlocução entre Paulo Santos e Lucio Costa – iniciado na década de 1920, na ENBA – em seus diferentes níveis: o primeiro, como admirador e seguidor de seu grande ídolo da arquitetura moderna no Brasil; o segundo, quando, efetivamente, se iniciaram os primeiros diálogos entre eles e, no terceiro, quando se estabeleceram as divergências entre suas idéias, caracterizadas sobretudo a partir de questões conceituais discutidas no âmbito do Conselho Consultivo do IPHAN e do CSPU.

Pretendíamos, inicialmente, realizar um trabalho de historiografia, entretanto, devido ao ineditismo do tema abordado, vimos-nos obrigados a desdobrá-lo em duas vertentes: a de história e a de historiografia, o que acarretou considerável aumento no volume textual.

Tendo em vista que o tema focado abrange, especificamente, dois diferentes campos de estudos – *história* e *arquitetura* –, incluímos glossário de termos técnicos arquitetônicos e notas biográficas referentes aos principais autores citados no corpo do texto, como complementação à sua leitura. Os vocábulos identificados por dois asteriscos (**) referem-se aos termos técnicos arquitetônicos, os por um único asterisco (*), às notas biográficas, sempre que são introduzidos no texto.

Uma vez que privilegiamos a ordem temática e não a cronológica, a leitura deste trabalho não exige que se acompanhe seqüencialmente os capítulos, permitindo com isso que o leitor transite livremente entre os quatro módulos de sua composição.

Para concluir, faremos breve inventário sobre o material utilizado na elaboração deste trabalho. A primeira consideração a ser destacada a esse respeito é que o desenvolvimento de nossa pesquisa constitui-se, basicamente, de fontes documentais primárias, particularmente daquelas pertencentes ao acervo pessoal de Paulo Santos existente na Biblioteca que leva seu nome e se localiza no Paço Imperial, no Rio de Janeiro.

Ressaltamos que tivemos o privilégio e a responsabilidade de nos ter sido franqueado o manuseio e a pré-organização do material pertencente ao referido acervo, que compreende desde bilhetes pessoais até textos históricos inéditos.

Isso nos possibilita dizer que, apesar de nosso ofício de arquiteta, realizamos – juntamente com a equipe da Biblioteca Paulo Santos – verdadeiro trabalho de arquivista/historiadora, organizando, ainda que preliminarmente, o acervo documental de Paulo Santos.

Utilizamos variadas fontes, dentre as quais destacamos: correspondências que Paulo Santos manteve com arquitetos, críticos e historiadores de arte e de arquitetura; jornais e revistas que, por relatarem os eventos culturais referentes às décadas de 1920 e 1980, possibilitaram trazer visão mais precisa da época em que ele viveu; depoimentos colhidos junto a amigos, familiares, ex-alunos e profissionais que com ele conviveram, que nos permitiram conhecer melhor sua personalidade; e estudos de história de vários autores, que foram de extrema importância para compreender o papel que a História teve para Paulo Santos. Finalmente, croquis** a lápis ou a nanquim, compõem outro importante acervo que, juntamente com documentos oficiais – como as atas das sessões da Congregação da FNA-UB e os processos de tombamento do IPHAN – ajudaram a reconstruir a trajetória profissional de Paulo Santos.

A partir desta variada documentação, nos foi possível realizar minuciosa análise, acompanhando a trajetória intelectual e profissional do arquiteto, professor e historiador Paulo Santos, figura paradigmática tanto para seus amigos como para seus admiradores.